

# CRISTIANISMO BÁSICO



JOHN STOTT

# CRISTIANISMO BÁSICO

Tradução  
*Jorge Camargo*



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

CRISTIANISMO BÁSICO  
Categoria: Apologética / Evangelização / Vida Cristã

---

Copyright © John R W Stott, 2003  
Publicado originalmente por Inter-Varsity Press,  
Leicester, United Kingdom.  
Título original em inglês: Basic Christianity

Todos os direitos reservados

*Primeira edição:* Março de 2007  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Tradução:* Jorge Camargo  
*Revisão:* Heloisa Wey Neves Lima  
*Capa:* Panorâmica Com&Mkt

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557  
E-mail: [ultimato@ultimato.com.br](mailto:ultimato@ultimato.com.br)  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

Os textos bíblicos foram retirados da edição Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo quando há outra indicação.

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

S888c  
2007

Stott, John R. W., 1921  
Cristianismo básico / John Stott. — Viçosa, MG : Ultimato, 2007.  
208p.; 23cm.  
Título original: Basic Christianity  
ISBN 978-85-7779-000-5

1. Teologia dogmática - Obras populares. I. Título.

CDD 22.ed. 230

---

## SUMÁRIO

Prefácio	7
1. A abordagem correta	11
PARTE UM – A PESSOA DE CRISTO	
2. As afirmações de Cristo	25
3. O caráter de Cristo	43
4. A ressurreição de Cristo	57
PARTE DOIS – A NECESSIDADE DO HOMEM	
5. A realidade e a natureza do pecado	79
6. As conseqüências do pecado	93
PARTE TRÊS – A OBRA DE CRISTO	
7. A morte de Cristo	109
8. A salvação em Cristo	133
PARTE QUATRO – A RESPOSTA DO HOMEM	
9. Calculando o custo	147
10. Tomando uma decisão	167
11. Sendo um cristão	181
Notas	199

## PREFÁCIO

“HOSTIS À IGREJA, CORDIAIS para com Cristo.” Estas palavras descrevem um grande número de pessoas da atualidade, especialmente os jovens.

Essas pessoas se opõem a qualquer coisa que tenha um aspecto institucional. Detestam o sistema e os privilégios dele decorrentes. Rejeitam a igreja, com certa razão, porque a consideram irremediavelmente corrompida por esses males.

Porém, o que essas pessoas rejeitam é a igreja contemporânea, e não Jesus Cristo. Precisamente por verem uma contradição entre o fundador do cristianismo e o estado atual da igreja fundada por ele, tais pessoas têm adotado uma postura crítica e arredia. A pessoa e os ensinamentos de Jesus, contudo, não perderam seu apelo. Primeiramente, porque o próprio Jesus assumiu uma posição contra o sistema. Algumas de suas palavras possuem uma conotação claramente revolucionária. Seus ideais demonstraram ser incorruptíveis. Em qualquer lugar que ele estivesse, sua presença transmitia amor e paz. Além disso, ele invariavelmente praticava aquilo que pregava.

Mas seria Jesus realmente *verdadeiro*?

Um número considerável de pessoas no mundo inteiro cresceu em lares cristãos e aprendeu sobre a verdade de Cristo e do cristianismo. Mas quando adquirem um senso crítico, essas pessoas acham mais fácil descartar a religião recebida na infância do que se esforçar para investigar sua veracidade.

Outras, porém, não nasceram em ambiente cristão, e absorveram os ensinamentos do hinduísmo, budismo ou islamismo, ou a ética do humanismo secular, do comunismo ou do existencialismo.

Entretanto, quando as pessoas de ambos os grupos ouvem falar de Jesus, não conseguem esconder facilmente o fascínio que ele lhes desperta.

Assim, nosso ponto de partida é a figura histórica de Jesus de Nazaré. Podemos afirmar com certeza que Jesus existiu. Não há nenhuma dúvida razoável sobre isso. Sua historicidade é afirmada tanto por escritores cristãos como por pagãos.

Ele foi uma pessoa completamente humana, independentemente de qualquer outra coisa que se diga a seu respeito. Nasceu, cresceu, trabalhou e suou, descansou e dormiu, comeu e bebeu, sofreu e morreu como todos os homens. Ele tinha um corpo humano real e emoções humanas autênticas.

Mas será que podemos acreditar que ele é realmente “Deus”? Não seria a divindade de Jesus mais uma das crenças cristãs? Há alguma evidência que confirme a impressionante afirmação cristã de que o carpinteiro de Nazaré é o unigênito Filho de Deus?

Essa questão é fundamental. Não podemos nos esquivar dela. Devemos ser honestos. Se Jesus não é o Deus encarnado, o cristianismo está liquidado. Resta apenas mais uma religião, recheada com alguns belos conceitos e uma ética notável. O elemento que tornava o cristianismo diferente de todas as outras religiões se perdeu.

Mas *há* evidências da divindade de Jesus; evidências boas, fortes, históricas, cumulativas; evidências que uma pessoa honesta pode aceitar sem cometer suicídio intelectual. Jesus fez algumas declarações bastante incomuns sobre si mesmo, ousadas e ao mesmo tempo despretensiosas. Temos também seu caráter incomparável. Sua força e sua mansidão, sua justiça incorruptível e sua terna compaixão, seu cuidado para com as crianças e seu amor pelos excluídos, seu autocontrole e o sacrifício de si mesmo ganharam a admiração do mundo. Além disso, sua morte cruel não foi o fim. Anunciaram que ele ressuscitou dentre os mortos, e a evidência circunstancial de sua ressurreição é irresistível.

Supondo que Jesus é o Filho de Deus, o cristianismo básico seria meramente a aceitação desse fato? Não. Uma vez persuadidos de sua divindade, devemos examinar a natureza de sua obra. O que ele veio fazer aqui? A resposta bíblica a essa questão é: “Ele veio ao mundo para salvar os pecadores”. Jesus de Nazaré é o Salvador enviado do céu que nós, pecadores, necessitamos. Precisamos ser perdoados e restaurados à comunhão com um Deus que é santo, de quem os nossos pecados nos separaram. Precisamos ser libertos do egoísmo e receber forças para viver de acordo com nossos ideais. Precisamos aprender a amar uns aos outros, amigos



e inimigos, do mesmo modo. É isso que significa “salvação”. É isso que Cristo conquistou para nós por meio de sua morte e ressurreição.

Então cristianismo básico seria a crença de que Jesus é o Filho de Deus que veio para salvar o mundo? Não, ainda não é bem isso. Reconhecer a divindade de Jesus e a nossa necessidade de salvação e crer na obra redentora de Cristo não é o bastante. O cristianismo não é apenas uma crença; implica também ação. Nossa crença intelectual pode estar acima de qualquer crítica, mas temos que colocar nossa fé em prática.

O que então devemos fazer? Devemos assumir um compromisso pessoal com o Senhor Jesus, de coração e de mente, alma e vontade, entregando nossas vidas a ele, sem reservas. Devemos nos humilhar diante dele. Devemos confiar nele como nosso Salvador e nos submetermos a ele como nosso Senhor; para então assumirmos nossos lugares como membros fiéis da igreja e cidadãos responsáveis dentro da comunidade.

Isso é cristianismo básico, e esse é o tema deste livro. Mas antes de passar para as evidências da divindade de Jesus Cristo, é necessário um capítulo introdutório sobre a abordagem correta. Os cristãos afirmam que é possível encontrar Deus em Jesus Cristo. Uma análise dessa afirmação poderá ser de grande ajuda para entendermos que Deus, ele mesmo, é quem nos busca, mas ao mesmo tempo nós também devemos buscá-lo.

# 1.

## A ABORDAGEM CORRETA

“NO PRINCÍPIO DEUS”. As três primeiras palavras da Bíblia são mais que uma introdução à história da criação ou ao livro de Gênesis. Elas fornecem a chave que abre a nossa compreensão da Bíblia como um todo, revelando-nos que na religião bíblica a iniciativa é de Deus.

Ninguém consegue surpreender Deus. Não podemos nos antecipar a ele. Ele sempre faz o primeiro movimento. Ele está sempre ali, “no princípio”. Antes que o homem existisse, Deus agiu. Antes que o homem se movesse para buscar a Deus, Deus buscou o homem. A Bíblia não mostra o homem tateando em busca de Deus; o que vemos é Deus alcançando o homem.

Muitas pessoas imaginam Deus como alguém assentado confortavelmente em um trono distante, remoto, isolado, desinteressado e indiferente às necessidades dos mortais, até que alguém consiga aborrecê-lo a ponto de fazê-lo agir em seu favor. Uma visão assim é totalmente falsa. O Deus

revelado pela Bíblia é um Deus que saiu em busca do homem, muito antes que o homem pensasse em voltar-se para Deus. Enquanto o homem ainda estava perdido na escuridão e mergulhado no pecado, Deus tomou a iniciativa, ergueu-se de seu trono, deixou de lado a sua glória, e inclinou-se para procurá-lo, até encontrá-lo.

A iniciativa e a soberania de Deus podem ser vistas em várias situações. Ele tomou a iniciativa na *criação*, trazendo o universo e seus elementos à existência: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. Ele tomou a iniciativa na *revelação*, manifestando à humanidade sua natureza e sua vontade: “Havendo Deus outrora falado muitas vezes e de muitas maneiras aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho”. Ele tomou a iniciativa na *salvação*, vindo em Jesus Cristo para libertar homens e mulheres de seus pecados: “[Deus]... visitou e redimiu o seu povo”.<sup>1</sup>

Deus criou. Deus falou. Deus agiu. Essas declarações da iniciativa de Deus em três diferentes áreas formam um relato conciso da religião bíblica. Neste livro, nos concentraremos nas duas últimas declarações, já que o cristianismo básico por definição começa com a figura histórica de Jesus Cristo. Se Deus falou, sua última e maior palavra para o mundo é Jesus Cristo. Se Deus agiu, seu ato mais notável é a redenção do mundo através de Jesus Cristo.

Deus falou e agiu por meio de Jesus Cristo. Ele disse algo. Ele fez algo. Isso significa que o cristianismo não se resume a palavras piedosas; também não se trata de conceitos religiosos ou um conjunto de regras. Cristianismo é “evangelho”, isto é, boas novas. Nas palavras de Paulo, “o evangelho

de Deus... com respeito a seu Filho... Jesus Cristo, nosso Senhor”.<sup>2</sup> Não se trata de um convite para o homem fazer alguma coisa; acima de tudo, é uma declaração do que Deus fez por nós em Cristo.

### DEUS FALOU

O homem é uma criatura insaciavelmente curiosa. Sua mente foi feita de modo a não ter descanso, e está sempre à espreita do desconhecido. O homem busca o conhecimento com incansável energia. Sua vida é uma viagem cheia de descobertas. Ele está sempre procurando, explorando, investigando, pesquisando. O homem nunca desiste de perguntar os intermináveis “por quês” da infância.

No entanto, quando a mente do homem começa a manifestar interesse por Deus, ela se confunde. Tateia na escuridão. Debate-se desesperadamente com a profundidade do assunto. Isso não é nem um pouco surpreendente, visto que Deus, seja ele quem quer que seja, é infinito, enquanto nós somos criaturas finitas. Ele está totalmente acima de nossa compreensão. Nossas mentes, portanto, embora sejam extremamente eficientes quando se trata de ciências empíricas, não podem nos ajudar de imediato nessa questão, pois não podem alcançar a mente infinita de Deus. Não há nenhuma escada, apenas um imenso abismo. Jó foi questionado por seus amigos: “Porventura desvendará os arcanos de Deus ou penetrará até à perfeição do Todo-poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria... mais profunda é ela do que o abismo; que poderás saber?” Não há como alcançar a mente de Deus.

E a situação teria se mantido assim se Deus não tivesse tomado a iniciativa de resolvê-la. O homem teria permanecido um agnóstico para sempre, perguntando como Pôncio Pilatos: “O que é a verdade?”, mas sem obter uma resposta, pois não ousaria esperar que alguém lhe respondesse. Ele seria um adorador, pois é próprio de sua natureza ser assim; mas em todos os seus altares haveria a inscrição, a exemplo do que havia em Atenas: “Ao deus desconhecido”.

Mas Deus falou. Ele tomou a iniciativa de revelar a si mesmo. A doutrina cristã da revelação é essencialmente racional. Deus “desvendou” às nossas mentes aquilo que, de outro modo, teria permanecido oculto. Parte dessa revelação está na própria natureza:

Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.

Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas.<sup>3</sup>

Isso é comumente chamado de revelação “geral” de Deus (porque é destinada a todos os homens, em toda parte) ou revelação “natural” (porque pode ser vista na natureza). Certamente essa revelação manifesta a existência de Deus e parte do seu poder, da sua glória e fidelidade, mas não é suficiente. Para que o homem venha a conhecer a Deus de forma pessoal, tenha seus pecados perdoados e inicie um relacionamento com ele, a revelação precisa ser mais ampla

e prática. A revelação de Deus deve incluir sua santidade, seu amor e seu poder para salvar do pecado. Deus também se agradou em revelar todas essas coisas. Trata-se de uma revelação “especial”, porque foi feita a um povo especial (Israel), através de mensageiros especiais (os profetas no Antigo Testamento e os apóstolos no Novo).

Ela é também “sobrenatural”, porque foi dada por meio de um processo geralmente chamado de “inspiração”; essa revelação encontrou sua expressão máxima na pessoa e na obra de Jesus.

O modo pelo qual a Bíblia apresenta e descreve essa revelação é através da expressão “Deus falou”. A maneira mais fácil de nos comunicamos uns com os outros é através da fala. Nossas palavras revelam o que está em nossa mente. Isso é ainda mais verdadeiro em relação a Deus, pois ele desejava revelar sua mente infinita a nossas mentes finitas. Porém, como disse o profeta Isaías, os pensamentos de Deus são mais altos que os nossos, assim como os céus são mais altos que a terra. Deste modo, nunca teríamos chance de conhecê-los, a menos que eles assumissem a forma de palavras. Assim, “veio a palavra do Senhor” a muitos profetas, até que, por fim, veio Jesus Cristo, e “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.<sup>4</sup>

Do mesmo modo, Paulo escreve à igreja em Corinto: “Visto como na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria humana, aprovou a Deus salvar aos que crêm pela loucura da pregação”. O homem conhece a Deus não por sua própria sabedoria, mas pela palavra de Deus (aquilo que pregamos); não através da razão humana,

mas através da revelação divina. Pelo fato de Deus ter se revelado em Cristo é que os cristãos podem com ousadia dirigir-se a agnósticos e supersticiosos e dizer a eles, como Paulo fez em Atenas, no Areópago: “Pois este que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu lhes anuncio”.

Grande parte da controvérsia entre ciência e religião deve-se ao fracasso em se observar esse ponto. O método empírico é extremamente inadequado quando se trata de religião. O conhecimento científico avança por meio da observação e da experimentação. Ele trabalha com dados baseados nos cinco sentidos. Mas quando se trata de questões metafísicas, não há nenhum dado disponível de imediato. Deus hoje não é algo tangível, nem visível ou audível. Houve, no entanto, um tempo em que ele decidiu falar, e revestiu-se de um corpo que podia ser visto e tocado. Assim, João inicia sua primeira carta com a afirmação: “O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam [...] anunciamos a vós outros”.

## DEUS AGIU

As boas novas cristãs não estão limitadas à declaração de que Deus falou. Elas também afirmam que Deus agiu. Deus tomou a iniciativa de falar e agir por causa da necessidade do homem. Nós não somos apenas ignorantes, somos pecadores. Portanto, se Deus se revelasse somente para dissipar nossa ignorância, não seria suficiente. Ele precisava também agir para nos salvar de nossos pecados. Ele começou a fazer isso na época do Antigo Testamento. Deus chamou

Abraão em Ur, fazendo dele e de seus descendentes uma nação, libertando-os da escravidão do Egito, estabelecendo com eles uma aliança no monte Sinai, conduzindo-os através do deserto até a terra prometida, guiando-os e ensinando-os como seu povo especial.

Mas tudo isso foi uma preparação para a obra maior de redenção em Cristo. Os homens precisavam ser libertados, não da escravidão do Egito ou do exílio na Babilônia, mas do exílio e da escravidão do pecado. Foi para isso, basicamente, que Jesus Cristo veio. Ele veio como Salvador.

Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores.

Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.

Como o pastor que sentiu falta da única ovelha que se perdera do rebanho e foi procurá-la até encontrá-la, assim é Jesus.<sup>5</sup>

O cristianismo é uma religião de salvação, e não há nada nas religiões não-cristãs que se compare à mensagem de um Deus que amou, buscou e morreu pelos pecadores perdidos.

#### A RESPOSTA DO HOMEM

Deus falou. Deus agiu. O registro e a interpretação dessas palavras e obras divinas se encontram na Bíblia. Para muitas pessoas, continuam ali, apenas como registro histórico. Para essas pessoas, tudo o que Deus disse e fez pertence ao passado; não sai das páginas da Bíblia para se tornar uma



experiência viva. Deus falou; mas nós temos escutado a sua voz? Deus agiu; mas nós temos nos beneficiado daquilo que ele fez?

Aquilo que devemos fazer será explicado no restante deste livro. A esta altura, é necessário destacar apenas um ponto: nós precisamos buscar a Deus. Deus nos buscou. Ele ainda está nos buscando. Mas nós também devemos buscá-lo. Na verdade, a divergência principal entre Deus e o homem está no fato de que o homem não busca a Deus.

Do céu olha o Senhor para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se desviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer.<sup>6</sup>

Jesus, no entanto, prometeu: “Busquem, e encontrarão”. Se não buscarmos, nunca encontraremos. O pastor procurou pela ovelha perdida até encontrá-la. A mulher procurou a moeda desaparecida até achá-la. Por que achamos que conosco seria diferente? Deus deseja ser encontrado, mas somente por aqueles que o buscam.

Devemos buscar *diligentemente*. “O homem é tão preguiçoso quanto ousa ser”, escreveu Emerson. Isso é muito sério; precisamos vencer nossa preguiça e apatia natural e concentrar forças para buscar a Deus. Deus tem pouca paciência com os preguiçosos; ele “é galardoador dos que o buscam”.<sup>7</sup>

Devemos buscar *humildemente*. Se a preguiça é um empecilho para alguns, o orgulho pode ser um obstáculo ainda maior para outros. Precisamos reconhecer que nossas mentes limitadas são incapazes de buscar a Deus pelo seu próprio esforço, sem que ele se revele. Isso não significa que

não podemos pensar de forma racional. Ao contrário, o salmista nos diz que não devemos ser como o cavalo ou a mula, sem entendimento. Devemos usar nossas mentes, mas devemos também admitir nossas limitações. Jesus disse:

Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.

É por isso que Jesus ama as crianças. Elas são ensináveis. Não são orgulhosas, presunçosas ou críticas. Nós precisamos ter a mente aberta, humilde e receptiva de uma criancinha.

Devemos buscar *honestamente*. Devemos nos aproximar da revelação de Deus não só sem orgulho, mas também sem preconceito; não só com uma mente humilde, mas também com uma mente aberta. Os estudiosos sabem o quanto é perigoso se aproximar de um objeto de estudo com idéias pré-concebidas. No entanto, muitos questionadores se aproximam da Bíblia com suas cabeças já “feitas”. A promessa de Deus, no entanto, é endereçada somente àqueles que buscam com sinceridade: “Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração”.<sup>8</sup> Devemos, portanto, deixar de lado nossos preconceitos e abrir nossas mentes para a possibilidade de que o cristianismo seja verdadeiro.

Devemos buscar *obedientemente*. Essa é a condição mais difícil de ser atendida. Ao buscar a Deus, devemos nos preparar não apenas para rever nossos conceitos, mas também para mudar nosso estilo de vida. A mensagem cristã possui um desafio moral. Se ela é verdadeira, o desafio moral tem de ser aceito. Deus, portanto, não é um objeto a ser examinado de

forma minuciosa e imparcial pelo homem. Você não pode colocar Deus na lente de um telescópio ou de um microscópio e dizer: “Que interessante!” Deus não é interessante. Ele é profundamente perturbador. Essa verdade também se aplica a Jesus Cristo.

Havíamos pensado em examiná-lo intelectualmente; descobrimos que ele está nos examinando espiritualmente. Os papéis estão invertidos entre nós... Estudamos Aristóteles e somos edificados intelectualmente com isso; estudamos Jesus e ficamos profundamente perturbados espiritualmente... Somos constrangidos a assumir uma atitude moral dentro do coração e da vontade em relação a Jesus [...] Um homem pode examinar a pessoa de Jesus com imparcialidade intelectual, mas não pode fazer isso com neutralidade moral [...] Precisamos assumir uma posição. Nosso contato objetivo e direto com Jesus nos levou a essa situação. No começo, nosso interesse era apenas intelectual, mas ele nos desafiou a tomar uma decisão moral.<sup>9</sup>

Foi isso que Jesus quis dizer quando, dirigindo-se a alguns judeus incrédulos, falou: “Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se falo por mim mesmo”. A promessa é clara: podemos saber se Jesus Cristo foi verdadeiro ou falso, se o seu ensino foi humano ou divino. Mas a promessa repousa sobre uma condição moral. Devemos estar prontos não apenas para crer, mas também para obedecer. Devemos estar preparados para fazer a vontade de Deus quando ele a fizer conhecida.

Eu me lembro de um jovem que veio conversar comigo logo depois de ter concluído seus estudos e começado a trabalhar em Londres. Ele confessou-me que havia desistido de ir à igreja porque não conseguia repetir o Credo sem se sentir hipócrita. Já não acreditava naquelas palavras.

Depois de concluir suas explicações, eu disse a ele: “Se eu respondesse às suas questões apenas com argumentos racionais, você estaria disposto a alterar seu modo de vida?” Ele sorriu levemente e abaixou a cabeça. Seu verdadeiro problema era no campo moral, não no intelectual.

\* \* \*

Nossa busca deve ser conduzida com esse espírito. Devemos pôr de lado a apatia, o orgulho, o preconceito e o pecado, e buscar a Deus a despeito das conseqüências. De todos os impedimentos à busca efetiva, esses dois últimos são os mais difíceis de serem superados, o preconceito intelectual e a rebeldia moral. Ambos são expressões de medo, e o medo é o grande inimigo da verdade. O medo paralisa a nossa busca. Sabemos que encontrar Deus e aceitar Jesus Cristo pode ser uma experiência incomoda. Envolve uma reavaliação de toda a nossa perspectiva de vida e um reajuste em nosso estilo de vida. O que nos deixa hesitantes quanto à decisão a ser tomada é uma combinação de covardia intelectual e moral. Não encontramos porque não buscamos. Não buscamos porque não queremos encontrar, e sabemos que o melhor jeito de não encontrar é não procurar.

Assim, esteja aberto à possibilidade de que você pode estar errado. Cristo pode, de fato, ser verdadeiro. E se você quer ser alguém que busca a Deus com humildade e honestidade, volte-se para o livro que afirma ser a sua revelação. Vá primeiramente aos evangelhos, que contam a história de Jesus Cristo. Dê a ele a chance de se confrontar diretamente com você e provar que é verdadeiro. Aproxime-se dele com a mente aberta e com boa vontade, pronto para crer e obedecer,

se Deus lhe der convicção para isso. Você pode começar lendo todo o evangelho de Marcos ou de João. Dê preferência a uma versão moderna. Leia do começo ao fim, de uma só vez, de modo a causar impacto em sua vida. Depois leia novamente, mas devagar, um capítulo por dia. Antes de ler, faça uma oração, como essa a seguir:

Deus, se você existe (e eu não sei se existe), se pode ouvir minha oração (e não sei se pode), quero lhe dizer que sou alguém que busca honestamente a verdade. Mostre-me se Jesus é realmente seu Filho e Salvador do mundo. Ajuda-me a ter convicção de que isso é verdade, para que eu possa confiar nele como meu Salvador e segui-lo como meu Senhor.

Ninguém poder fazer uma oração como essa e ficar sem resposta. Deus não decepciona aqueles que o buscam com sinceridade. Ao contrário, ele honra e recompensa os que o buscam honestamente. O plano de Cristo é simples: “Busque, e você encontrará”.